

DATA 23 05 90
COL. 080 00326

O Rio Branco

CARTA DO SR. GUSTAVO DE SUCKOW AO « JORNAL DO
COMMERCIO »

(Transcripto desta folha)

Noticiou a imprensa, não ha muito tempo, que a rainha Victoria mandára convidar o governo brasileiro a tratar da questão de limites com a Guyana Ingleza. A occasião é, portanto, a mais opportuna possivel para chamarmos a áttenção das autoridades superiores do paiz para o que se passa na parte do nosso territorio que confina com aquella possessão britannica, e para dármos ao mesmo tempo uma rapida noticia sobre essa formosa região, quasi desconhecida dos nossos patricios. Esteiarnos-hemos, nesta pequena empreza, em informações que nos foram ministradas por pessoa digna de toda a confiança, o tenente-coronel José Paulino von Hoonholtz, um dos homens que mais conhecem o Norte do Brazil, onde desempenhou commissões do governo e que residio durante tres annos nos campos do Rio Branco, nas proximidades da fronteira.

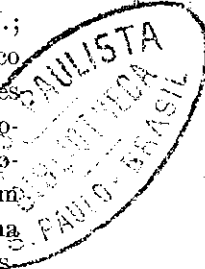
A grande região da Guyana Brasileira abrange toda a margem esquerda do rio Negro, desde a fronteira do Cucuhy, e toda a margem esquerda do Amazonas, desde a sua confluencia com o Negro até o Atlantico. É limitada a léste pelo Atlantico; ao norte pelas Guyanas Franceza, Hollandeza e Ingleza, e pela Venezuela, ao occidente pela Venezuela. Dous terços dessa immensa área são campos geraes, cortados de paranás e igarapés, povoados de lagos, e contendo enorme quantidade de verdadeiros oasis de palmeira burity, com agua pura e

limpida, a que os naturaes dão o nome de — *ilhas de buritysaes*.

Na parte que pertence ao Amazonas, e que liga com o Pará pelo Jamundá, é que se acha a maravilhosa zona conhecida pelo nome de *Rio Branco*, nome este derivado do grande rio formado pela junção do Urariquéra e do Tacutú, aos 3° 8' L. N. É ahi que estão situadas a fazenda nacional de S. Bento, á margem direita da foz do Urariquéra, o forte de S. Joaquim, á margem esquerda da foz do Tacutú, e a fazenda tambem nacional de S. Marcos, no delta formado por estes dous rios. Desse ponto para baixo corre o rio com o nome de Branco, o qual vem desaguar na margem esquerda do Negro, pouco acima da foz do Jaupery, depois de um curso N. S. de cem leguas.

Os campos principiam na parte superior da cachoeira de S. Felipe, a 1° 40' L. N., e estendem-se até as cordilheiras de Pacaraima e Quimirapaca, aos 4° 35' L. N.; extremo septentrional do Brazil. Da fóz do Rio Branco até a Cachoeira de S. Felipe os terrenos são de grandes varzeas, alagadas por occasião das cheias dos rios e cobertas de florestas virgens ainda não exploradas, exceptuando os lugares denominados *Santa Maria*, á margem esquerda, *Carmo*, á margem direita, e *Pesqueiro Real* — na ilha fronteira á fóz do Anauá, affluente da margem esquerda, os quaes foram habitados no tempo do governador Lobo d'Almada, 1783-1787. Em Santa Maria vêem-se ainda, dispersos pela matta, cafeeiros rachiticos, e, no Carmo, os restos de um grande laranjal. Não se encontra habitação alguma nas setenta leguas de rio até a cachoeira de S. Felipe. Só deste ponto para cima é que ha moradores.

Não se pôde descrever, diz o tenente-coronel Hoonholtz, o quadro que nos apresenta á vista a bella serra de Co-



rumã, á margem esquerda do alto Rio Branco, e cujo sopé vem banhar-se nas aguas do rio. As suas mattas viçosas, as extensas planuras adjacentes, terrenos com camadas de mais de um metro de humus, alli estão á espera do cafeeiro, do algodoeiro, da canna do fumo e dos cereaes. A esta extraordinaria fertilidade do sólo, que nos mostra quão ubertosas poderão ser as colheitas, accresce á proximidade dos campos, onde já existem, segundo os calculos do nosso illustre informante, vinte mil cabeças de gado vaccum e tres mil de cavallar, não se sabendo ao certo o numero do gado bravo que vive nos reconcados das serras.

É tal a abundancia da caça e da pesca que ninguem se lembra de abater uma rez. A lavoura é completamente nulla, pois os indios domesticados encarregam-se de fornecer o necessario para o consumo da pequena população civilisada que vive no Rio Branco. A industria extractiva, que alli tem um vasto campo de exploração, é ainda inteiramente desconhecida dos poucos habitantes civilisados, os quaes entregam-se apenas á criação do gado, ou antes, não se entregam a cousa alguma, porquanto o gado é criado á lei da natureza.

A riqueza do reino mineral é tão grande que parece incrível que até hoje não tenham apparecido exploradores. Para se fazer uma idéa da abundancia de metaes e pedras preciosas, basta dizer que foram aquellas para-gens que deram origem ás fabulas do Eldorado. Diz uma tradição, necessariamente exaggerada, que o lago Amaçú, situado nos campos de Pirarára, tem o fundo todo de ouro.

Entretanto, essa região, a mais rica do Amazonas e quicá de todo o Brazil, acha-se quasi que inteiramente abandonada. Os habitantes civilisados que alli vivem não procuram melhoramento de especie alguma. A fa-

rinha, o milho, o fumo, o melado e outros generos são fornecidos pelos indios, que vêm das malócas trocar esses effeitos por aguardente, retalhos de panno grosso, misangas e outras bugiarias. Até as afamadas *arnas do Rio Branco*, assim chamadas no Amazonas, são fornecidas por esses mesmos indios, que as recebem, em troca, dos colonos inglezes de Demerára e vêm por sua vez permutal-as com os brasileiros.

O tenente-coronel Hoonholtz calcula em dez mil individuos de ambos os sexos a população indigena do Rio Branco. Os *Macuays*, os *Mapixanas* e os *Pauxianas* já se acham domesticados. Os *Juricunás* e os *Porocotós* vão pouco á pouco chegando á civilisação. A interessante e indomita tribu dos *Massahys*, porém, ainda não tomou *chegada*, como vulgarmente se diz.

Estes indios são intelligentes e industriosos. Não sabemos porquê motivo o governo não envia para alli uma missão. Temos certeza de que os bons resultados não se fariam esperar.

Emquanto nos entregamos a este indifferentismo, tratam os inglezes de attrahil-os para a sua Guyana. Na margem direita do rio Rupunury, a um dia de viagem do forte de S. Joaquim, existem varias casas commerciaes de colonos inglezes. Estes estrangeiros negociam com os nossos indios e procuram catechisal-os, ensinando-lhes a lingua ingleza e premiando áquelles que mais interesses lhes dão. E o nosso governo dorme!

Narrou-nos o tenente-coronel Hoonholtz um facto que revela a rara habilidade dos missionarios britannicos na catechese dos nossos indios; nossos porque habitão territorio brasileiro.

Em certo ponto da cordilheira de Quimirapaca, perto da margem esquerda do Rupunury, reúnem-se em uma época do anno, abaixo de uma cachoeira que se precipita

da serra, os indios Macuxys, Pauxianas e Uapixanas, que para alli vão em romaria, afim de receberem as offerendas que *Tupã* (Deus) envia aos filhos das selvas que fizeram bom negocio com os *cariuas* (brancos). No alto da cachoeira e occulto das vistas dos aborigenes, fica um individuo lançando á agua, á medida que vão sendo dados os signaes, diversos objectos, como espingardas, fouces, etc. Embaixo, um missionario vai indicando, dentre os indios presentes, aquelle que tem de mergulhar na bacia formada pela quéda das aguas para trazer o objecto, que ao mergulhador fica pertencendo, como premio pelo bom commercio que fez com os brancos.

Facil é comprehender a finura com que procedem os missionarios nessa distribuição de premios, galardoando áquelles que mais lucros deram durante o anno e excitando a emulação nos outros.

Para evitar semelhantes factos deve o Governo lançar as suas vistas para aquella zona, tão cubigada pelos estrangeiros, e que ao sólo fertilissimo reúne um clima excellente, bastante apropriado á immigração européa.
